

O TERRITÓRIO DE MÉRTOLA EM ÉPOCA ISLÂMICA – CONTINUIDADE OU DESCONTINUIDADE?

ESTUDOS PRELIMINARES

MARIA DE FÁTIMA PALMA Campo Arqueológico de Mértola, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património-UC, tuchapalma@hotmail.com

RESUMO O território de Mértola é conhecido pela sua diversidade paisagística e cultural. As suas matrizes identificam-se com o mediterrâneo e apesar da sua longa ocupação humana, este não é um território de ruturas mas sim um território de continuidade e transição, sem grandes alterações nos modelos de povoamento. Uma análise do território de Mértola em época islâmica permite-nos falar em fenómenos de continuidade, com os que precedem no tempo, como nas ocupações posteriores.

PALAVRAS CHAVE Território, continuidade, época islâmica, Mértola

ABSTRACT The Mértola territory is known for its landscape and cultural diversity. Its matrices are Mediterranean and despite its long human occupation, this is not a territory of disruptions but of continuity and transition, with no major changes in population models. An analysis of Mértola territory in Islamic period allows us to speak of phenomena continuity, with the preceding in time as in later occupations.

KEYWORDS Territory, continuity, Islamic period, Mértola

INTRODUÇÃO

Neste pequeno artigo, referente ao poster apresentado no JIA 2015 em Lisboa, pretendemos apresentar os exemplos de ocupação do território de Mértola durante a época islâmica, entre o século VIII a inícios do século XIII. Trata-se de um estudo ainda em fase preliminar, isto devido ao facto da autora estar a iniciar o doutoramento na Universidade de Granada, na data do Congresso. Contudo, os diversos trabalhos de prospeção até agora realizados no concelho de Mértola possibilitam, já, um conhecimento dos modelos de ocupação do território durante esta época. Podemos mostrar um território de continuidade, onde conseguimos restituir algumas formas de povoamento, a ocupação e exploração dos espaços destas comunidades.

Por outro lado, torna-se imprescindível o desenvolvimento do estudo e da compreensão da dicotomia do território dito rural e o território urbano, como interagiam e de que forma se influenciavam, tentando realizar uma análise do território, dos processos de continuidade e de influência.

Com os dados já prospetados, com uma nova prospeção mais direcionada a esta temática e a análise cartográfica, toponímica, morfológica, dos recursos disponíveis,

das vias de comunicação e da perspetiva diacrónica dos territórios, será possível chegar a um mais completo conhecimento das transformações, mudanças e continuidades de povoamento em época islâmica. Até ao momento, com os dados já disponíveis de diversos trabalhos realizados, o ponto-chave desta investigação encontra-se em parte na zona sul deste território, de onde irá partir esta investigação.

Neste território, desde a Antiguidade Tardia que podemos falar de territórios de transição. Contudo, esta transição parece pacífica e, a sucessão ocupacional de um determinado sítio estratégico, parece-nos quase interrupta. No entanto, só o continuar da investigação e de estudos interdisciplinares possibilita a compreensão dos modelos territoriais da região de Mértola em época islâmica.

LOCALIZAÇÃO

Atualmente, a Vila de Mértola é a sede municipal do concelho (com sete freguesias), e insere-se no Distrito de Beja, no denominado Baixo Alentejo, mas com uma posição de concelho limítrofe com o Algarve e a Andaluzia (Espanha) (figura 1). Trata-se de um dos maiores concelhos de Portugal, em tamanho, ocupando um território muito extenso, 1292 km², que chega aos concelhos de



1. Localização de Mértola e seu território.

Beja e Serpa a Norte, Castro Verde e Almodôvar a Oeste, Alcoutim a Sul e com a província espanhola de Huelva a Este. No entanto, os limites territoriais actuais não correspondem aos existentes na Idade Média, que seriam bastante superiores, ou até mesmo na Idade Moderna em que possuía mais uma freguesia, atualmente pertencente ao concelho de Castro Verde. As fronteiras territoriais de Mértola não estiveram sempre bem definidas e foram-se alterando ao longo dos tempos.

A Vila de Mértola articula todo o território, ocupando uma posição central, sobretudo administrativamente e como sede de concelho. A sua privilegiada posição no limite da zona navegável do baixo Guadiana, terá feito dela um importante mercado redistribuidor de produtos para o interior do Alentejo, assim como porto de embarque dos produtos das regiões interiores para o Mediterrâneo. Todo este território de Mértola esteve intimamente ligado ao poderio comercial e às teias de ligações que Mértola desenvolveu durante séculos. Houve sem dúvida uma continuidade de ocupação territorial desde pelo menos o 2.º milénio a.C. e que se prolongou ao longo dos séculos, com fases interdiárias de grande apogeu.

GEOMORFOLOGIA, CLIMA E RECURSOS NATURAIS

Morfologicamente, o território de Mértola é um espaço de transição ente as grandes planícies das terras férteis de Beja, a Norte, e os terrenos de Serra a Sul. Como elemento estruturador deste território, temos o Rio Guadiana e os seus afluentes que modelam a paisagem em seu redor. Assim, o concelho de Mértola, na zona Norte, apresenta sobretudo planícies e pequenas elevações que modelam a paisagem conjuntamente com os cursos de água. Na parte Sul, predominam os terrenos acidentados com cursos de água encaixados e com acentuados declives, sendo que muitos destes declives antecipam a transição para a Serra do Caldeirão. Na generalidade, a maior parte do território do Concelho de Mértola apresenta uma altitude inferior a 200 metros.

O ALFOZ DE MÉRTOLA

O Alfoz (divisão administrativa) de Mértola, inserido na *Kura* de Beja, ultrapassa em muito os limites do que hoje conhecemos como concelho/território de Mértola (figura 2).

Durante mais de cinco séculos (início do século VIII a meados do século XIII), Mértola, o antigo porto dos romanos faz parte de um espaço político, social, administrativo, económico e culturalmente integrado na civilização do islão medieval, mas controlado por Beja. A capital da *Kura* era delimitada a norte pela serra de Portel, a oeste pelo Oceano Atlântico e a este pela serra de Aracena e a sul pela Serra de Monchique.

Em todo este espaço, os novos povoadores, muçulmanos, mantiveram a organização territorial estabelecida pelos romanos e mantida durante a Antiguidade Tardia. Dentro deste espaço outros territórios se definiram. No entanto, continuidade foi a palavra-chave em todos eles. Sítios, populações e termos mantiveram-se, sem alterações, durante centenas de anos. Pequenas cidades tentavam autonomizar-se e tomar importância em relação à principal cidade do território. O caso mais evidente foi o das várias taifas de Mértola.

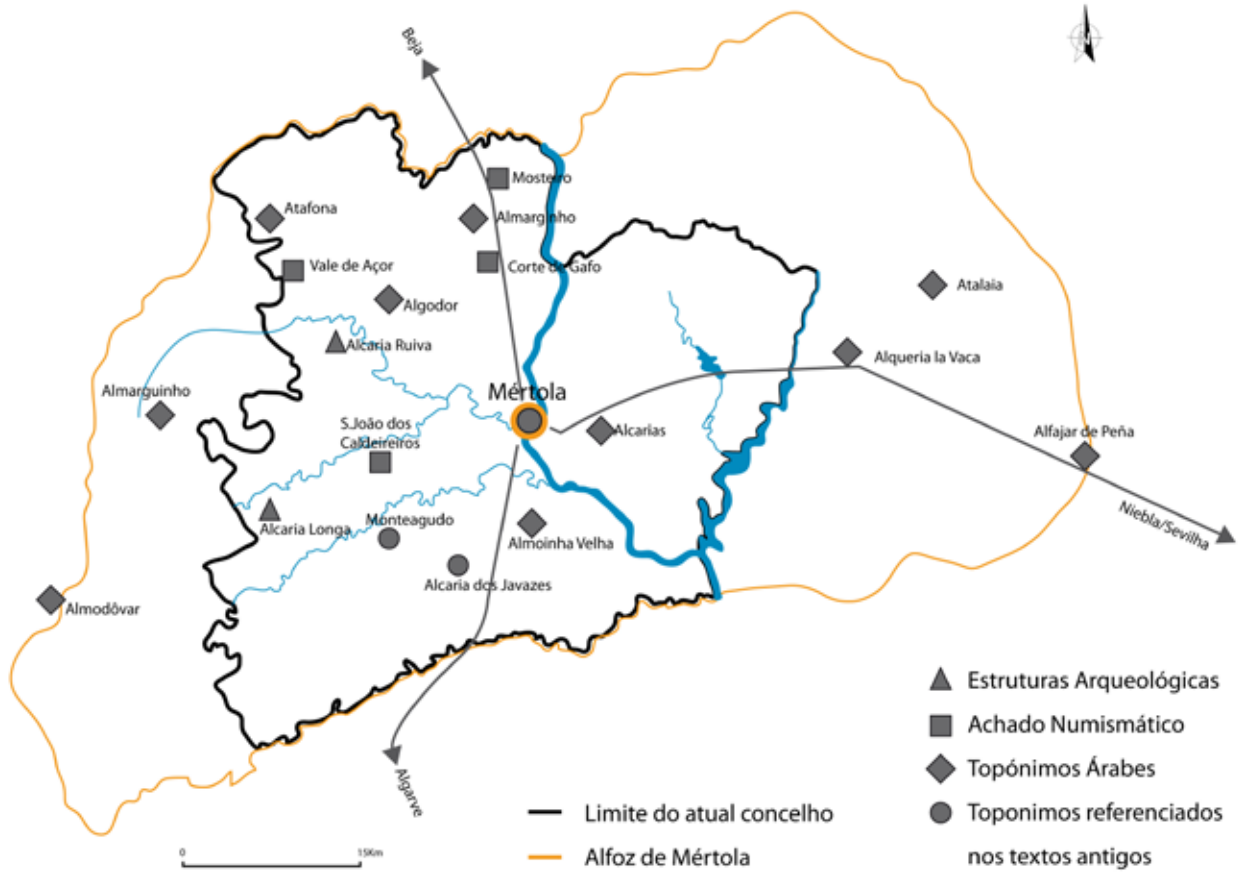
O interior do território de Mértola era e é pontuado por dezenas de pequenos povoados, muitos deles com uma ligação próxima ao Guadiana ou a cursos de água importantes. Cada um destes povoados contava com o seu espaço próprio de subsistência, dispunha de pequenas hortas, de algumas oliveiras e de áreas de pastagem. Numa zona de escassas aptidões agrícolas foi desde sempre a pastorícia a atividade mais importante. Pequenos grupos populacionais da região, impulsionados por um mercado cujo centro de exportação foi o porto interior de Mértola, dedicaram-se a trabalhos de mineração e metalurgia, que serviam de complemento à economia pastoril de subsistência.

A maioria das informações de que dispomos acerca desta cidade de Mértola e do seu território provem de fontes árabes medievais que se caracterizam pela sua diversidade: dicionários geográficos, crónicas, dicionários biobibliográficos e antologias literárias. Mas esta diversidade está longe de implicar uma riqueza de informação quer relativamente a Mértola como ao Garb. Nas obras de Geografia são repetitivas e lacónicas e nas crónicas só raramente o citam, quando é um centro de rebelião (Macias, 2005). Muitas lacunas são só resolvidas pelos dados arqueológicos, de prospeção e interpretação do território (Palma, 2012).

Com base nos dados obtidos pela Arqueologia, toponímia e prospeção do território, podemos identificar diversas localidades e sítios que correspondem a núcleos de povoamento rural, que ainda existem como povoações e que aqui apenas indicamos algumas:

- **Alcaria Longa** – ocupação muçulmana comprovada por trabalhos arqueológicos de James Boone (Boone, 1992);
- **Alcaria Ruiva** – existência de sistema hidráulico de tradição islâmica;
- **Algodor**– *al-Gudur*: os pântanos;

O Alfoz de Mértola e o atual concelho



2. Alfoz de Mértola e atual território do concelho, segundo Macias (2005).



3. Trabalhos de prospeção no sítio islâmico de São Bartolomeu, com pré-existência desde a Antiguidade Tardia.

- **Atafona** – *al-Tāhūna*: o moinho;
- **Almoinha** – *al-Munyā*: a propriedade agrícola/horta;
- **Almarginho** – *al-marġ*: a pradaria;
- **Azenha** – *al-Sāniya*: a azenha ou moinho hidráulico;
- **Alvacar** – *al-baqar*: tipo de fortaleza;
- **Alcaria** – *al-Quarya*: aldeia;
- **Monte Agudo** – *Monteaqūt*.

Durante os trabalhos de prospeção para a realização da Carta Arqueológica do Concelho de Mértola foi possível identificar 417 sítios, desde o neolítico até à época contemporânea (figura 3). Desta totalidade de sítios, 130 são islâmicos, muitos deles com ocupação precedente e posterior. Constata-se uma maior densidade de sítios islâmicos na zona sul do concelho, no entanto, há que realizar uma prospeção mais “fina” na zona norte, a qual não conhecemos tão bem. No entanto, uma nova prospeção mais direcionada para a ocupação islâmica do território trará, sem dúvidas, novas aporções a este estudo.

CONCLUSÕES

Até ao momento, com os dados já disponíveis de diversos trabalhos realizados, o ponto-chave desta investigação encontra-se em parte na zona sul deste território,

de onde irá partir esta investigação. O que se constata é uma relativa permanência de povoamento no território de Mértola entre a época romana e o período que se segue à reconquista (leia-se, em grande medida até à atualidade). Não é uma continuidade no sentido da permanência nos mesmos habitats, ao invés, as populações mantêm-se fixas numa determinada área mas os locais onde vivem vão-se alterando, mas não distam muito uns dos outros. Na Alta Idade Média e no período islâmico os habitantes deslocam-se voluntariamente em direção a novos núcleos de povoamento. Ao contrário, a partir da Baixa Idade Média, a mudança parece ter sido imposta pelos senhores cristãos, que fundam novos e importantes núcleos populacionais, construídos nas imediações das antigas localidades islâmicas.

É importante notar que o topónimo *alcaria* (Ruiva, Longa, dos Javazes) surge por norma associado ao novo povoado – embora, por vezes (como no caso de Javazes) a memória do nome do antigo sítio não se tivesse perdido. No entanto, em muitas das vezes designa o antigo assentamento islâmico que, por norma, nunca dista de mais de dois a três quilómetros. Os povoados da zona sul do concelho terão sido os primeiros a serem ocupados e os últimos a serem abandonados pelos conquistadores muçulmanos, mantendo até ao dia de hoje muitas das características desse período.

BIBLIOGRAFIA

BOONE, J. (1992) – The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: A Califal-Taifal Settlement in the Lower Alentejo of Portugal. *Arqueologia Medieval*, n.º 1, p. 51-64.

MACIAS, S. (2005) – *Mértola: o último porto do Mediterrâneo: catálogo da exposição Mértola – história e património: séculos V-XIII*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

PALMA, M., coord., (2012) – *Carta arqueológica do concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.